
A vida e do destino dos povos mexicanos

1

Marcos Cordioli
marcos.cordioli@gmail.com

A história do México traz tantos pontos para reflexão entre nós, brasileiros, que torna a missão de sistematizá-la em espaço tão reduzido, quase impossível. Então, solicitaria a você, leitor, que a tomasse como um momento inicial de reflexão e não como ponto de chegada. Também não vou me ater às questões contemporâneas, em relação às quais há uma disponibilidade maior de informações, havendo a possibilidade de sugerir, se for de interesse do leitor, algum outro artigo sobre o México atual.

O espaço territorial do México atual é decorrente do processo colonial espanhol, instaurado no século XVI. Antes desse período, esse país fazia parte de um espaço mais amplo, com as regiões da atual América Central compondo o palco de importantes civilizações, com as dos Tolteca, Chimimecas, Zacatecas, Astecas e Maias. Também podem ser relacionados os Nauas, no Planalto Mexicano e os Seris, que habitaram o extremo noroeste do México atual. Esses povos têm sido foco de estudos cuidadosos apenas a partir de 1980 e os resultados de tais estudos têm surpreendido a comunidade acadêmica, com revelações da complexidade cultural dessas civilizações, relativamente às suas relações sociais, práticas religiosas e elaboração de diferentes tecnologias.

Esses povos foram destruídos pela conquista espanhola a partir de 1513, a qual espalhou o terror e dizimou milhares de vidas, submetendo culturas ao jugo da concepção cristã-ocidental e da lógica do sistema capitalista. Alguns relatos afirmam que as vítimas eram tantas que, num massacre, o sangue chegava à canela dos algozes. Outros dizem que os espanhóis matavam tantas pessoas que, às vezes, era preciso parar para descansar e retomar forças para continuar o massacre. A conquista espanhola, impulsionada por Cortez, representa um feito militar importante, no qual o Estado Espanhol, com um exército relativamente pequeno, conseguiu conquistar povos extremamente organizados. Isso pode ser explicado pela combinação de uma série de fatores, que compreende, desde a astúcia de uma política de alianças reunindo povos oprimidos ou rivais, a fatos como inescrupulosos golpes de traição, como a prisão de soberano Montesuma, que havia recebido os espanhóis com flores e festas em sua capital.

No século XVI, a região do atual México passou a compor o Vice-reino da Nova Espanha, que se tornou o principal exportador de prata, financiando, junto com o ouro do Peru, as finanças do Estado Espanhol, tanto na suas atividades coloniais como na opulência de sua nobreza. Os povos americanos foram submetidos às *comiendas* dos *repartimentos*, em

Publicado como CORDIOLLI, Marcos. A vida e o destino dos povos mexicanos. *Mundo Jovem*, 9 (81), maio 2002. p. 9.

Marcos Cordioli é historiador (UFPR) mestre em educação (PUCSP). Professor e conferencista. É produtor de cinema e estuda fotografia.

Contatos com o autor:

email:

marcos.cordioli@gmail.com

fone: +55 (41) 9962 5010

home page:

<http://cordioli.wordpress.com>

home page:

www.marcos.cordioli.sites.uol.com.br

twitter: twitter.com/marcoscordioli

myspace: www.myspace.com/marcoscordioli

facebook: [Marcos Cordioli]

marcoscordioli

A Casa de Asterion

que os proprietários de terras (repartidas entre militares, nobres e capitalistas de confiança dos vice-reis) passam a encomendar os habitantes que “deveriam ser catequizados” na religião católica. Os indígenas estavam submetidos à *mita* (ou *cuatequil*, como era conhecida no México), um sistema em que eram obrigados a trabalhar em terras, minas e fábricas, por uma remuneração periódica.

Os indígenas promoveram diversas rebeliões durante o período colonial, quase todas como expressão de repulsa à situação de dominação e exploração. No século XVIII, o Estado Espanhol entrou em declínio, pois não investiu o capital expropriado das colônias em processos produtivos de tipo industrial que espalhavam pela Europa, preferindo manter a ostentação de sua nobreza com a importação de mercadorias estrangeiras. Nessa situação, os descendentes de europeu já começavam a se mobilizar pela independência. Alguns movimentos independentistas foram impulsionados por descendentes de europeus descontentes com o desinteresse e descaso dos governantes da Coroa; outros, sob influência das idéias iluministas de igualdade, fraternidade e liberdade, simpáticos a governos republicanos e democráticos. Foi nesse contexto que ocorreram duas grandes insurreições armadas (em 1810 e 1815), ambas dirigidas por sacerdotes católicos, mas que não obtiveram sucesso.

A independência do México foi concluída apenas em 1823, após uma grande mobilização republicana, que obrigou a abdicação do Vice-rei, que havia se instituído como imperador dois anos antes. A forma republicana é adotada, com o congresso constituinte promulgando uma Constituição e o primeiro presidente da República é eleito.

O primeiro período da república, que se estende por meio século, é de muitas reviravoltas políticas,

beirando ao caos, que só vai encontrar uma relativa estabilidade na ditadura de Porfírio Díaz, instaurada em 1877. Nesse período, o México teve apenas dois presidentes que conseguiram cumprir os seus mandatos até o final, sendo que, em média, a permanência no cargo era de um ano. As relações políticas no período são marcadas pela presença do clero católico (a Igreja chegou a deter metade das melhores terras do país), dos militares, dos maçons (divididos em, pelo menos, duas correntes divergentes). Tudo isto contribuiu para o surgimento de um forte movimento caudilista, no qual líderes regionais se revoltavam constantemente, assumindo as reivindicações populares, mobilizando exércitos e desafiando o governo instituído. Nessa época, uma das regiões tornou-se independente, o Texas, que mais tarde foi anexado pelos Estados Unidos. A reação mexicana acabou por desencadear uma guerra com os EUA, na qual o México perdeu extensos territórios, e foi obrigado a indenizar colonos estadunidenses, além de ter que pagar um pesado tributo de guerra que minou as finanças e o desenvolvimento econômico do país.

O México foi ocupado militarmente pela França, que iniciou operações militares com a Inglaterra e a Espanha e com aval do Papa para, supostamente, defender interesses dos seus súditos. Completada a ocupação em 1864, foi instituído o império de Maximiliano, da família real austríaca, que governou por três anos, quando foi derrubado e fuzilado.

Em 1876 chegou ao governo Porfírio Dias, em mais uma revolução caudilista, instaurando, no ano seguinte, uma ditadura que se estenderia até 1911. Nesse período o México obteve paz, garantindo a estabilidade política e um forte apoio popular ao governo. O país experimentou o crescimento econômico, com a

industrialização e uma relativa modernização da atividade mineradora. No entanto, a situação das massas trabalhadoras, principalmente na zona rural, não foi alterada, continuando na miséria e reduzidas as condições precárias e servis de trabalho.

Quando Diaz foi derrubado, em 1911, o México rapidamente se viu mergulhado em novas sublevações dirigidas por caudilhos, entre os quais se destacava o enigmático Emiliano Zapata, defensor do “Plano de Ayala”, uma significativa proposição de redistribuição de terra, promovendo a denominada revolução mexicana. Nesse movimento, novos atores entram em cena para se contrapor aos representantes da classe dominante, de origem européia, que detinham a posse da esmagadora maioria das propriedades produtivas do país; esses grupos se articulavam em torno dos porfiristas, maderistas, villistas, zapatistas, carranzistas, obregonistas, delahuertistas ou cristeros. Marcando o começo de um processo de voz ativa para a massa de pobres, de origem indígena, que reivindicava terra, justiça, emprego e dignidade.

A estabilidade só foi retomada em 1929, com a ascensão ao poder do Partido Nacional Revolucionário (mais tarde rebatizado de Partido Revolucionário Institucional), unificando em um só partido, os representantes das oligarquias tradicionais, atraindo para si os empresários e fazendeiros, e estruturando uma excepcional máquina política, de tipo populista, que reunia as lideranças dos pueblos (pequenas comunidades rurais); sindicalistas, militares de baixa patente, etc. Constituiu-se uma pirâmide de poder que começava nos bairros, passava pelos prefeitos e governadores e chegava ao Presidente da República. Todas as atividades políticas no México passavam necessariamente pelo PRI, que

oscilava, ora entre um discurso mais populista à esquerda, ora impondo um tom conservador de direita.

O PRI garantiu a estabilidade política mas não resolveu os problemas básicos da população pobre; tampouco conseguiu imprimir um desenvolvimento econômico, como os EUA e Canadá, seus vizinhos da América do Norte. Essa estabilidade começou a ser quebrada na década de 1980, quando a esquerda começou a se reagrupar e os efeitos da crise mundial do capitalismo se abatiam sobre o país. No início, eram dezenas de pequenos partidos de esquerda que nem sequer conseguiam espaço político parlamentar em função da restritiva legislação em vigor. Mas, aos poucos, esses partidos começaram a se agrupar em torno do PSUM (Partido Socialista Unificado Mexicano), nascido da fusão de vários grupos influenciados pela URSS e pelo Castrismo, do PMT (Partido Mexicano dos Trabalhadores) e o trotskista PRT (Partido Revolucionário dos Trabalhadores). Um novo e intenso processo de fusões e dissidências vão desaguar nos anos 1990 no PRD (Partido da Revolução Democrática) que se constituiu por mais de 60 anos, na principal alternativa de governo fora do PRI. O PRD, mesmo contando com um amplo apoio popular, não conseguiu obter sucesso nas urnas, sendo que em todos os pleitos apresentaram-se fortes indícios de fraudes.

Enquanto o PRI via seus instrumentos de poder se corroerem num mar de corrupção e seu ciclo de 71 anos de governo encerrar-se diante de uma nova força política ligada às oligarquias, o PAN – Partido da Ação Nacional ganhou as eleições para a presidência da República, em julho de 2000.

Paralelo ao processo institucional veio a público, em 1º de janeiro de 1994, o EZLN (Exército Zapatista de

marcoscordioli

A Casa de Asterion

Libertação Nacional), que, em rápidos combates no Estado de Chiapas, ocupou várias cidades, entre elas San Cristóbal de las Casas. Esse movimento foi importante porque ocorreu justamente no momento da formalização do NAFTA (Tratado de Livre comércio da América do Norte) e sem que os serviços de inteligência dos EUA o detectassem.

A província de Chiapas possui algumas características particulares: é muito rica em petróleo e gás e fornece 40% da energia elétrica do país, mas concentra uma imensa população indígena pobre - de mais de 15 grupos lingüísticos distintos - entre os quais a taxa de analfabetismo chega a 50% e a mortalidade infantil é das mais altas do país.

O movimento zapatista possui alguns mecanismos

peculiares de autogoverno e de organização política tendo chamado a atenção de cientistas políticos, organizações populares e partidos políticos do mundo todo.

O México atual é expressão da contradição mundial; pertence a uma zona de livre comércio com dois países do G7 (EUA e Canadá), o Estado está mergulhado na corrupção, possui um forte governo de Direita e uma organizada oposição de centro esquerda, enquanto parte de seus territórios está sob controle da guerrilha zapatista.

Os mexicanos repetem sempre que o mal de seu país é o de “estar tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos”, mas parece que os mexicanos, em particular as populações indígenas, estão buscando se colocar como senhores do seu destino.

As publicações do selo A Casa de Asterion podem ser livremente copiadas digitalmente ou por fotocopiadoras. No entanto, não podem ser vendidos. Os autores disponibilizam estas publicações como esforço para a democratização da informação e do conhecimento.

marcoscordioli

A Casa de Asterion

Nota do autor

O autor agradece:

1. a comunicação de erros.
2. opiniões sobre o texto, inclusive sobre passagens com redação inadequada.
3. o envio de textos dos leitores no qual o autor foi citado.

E-mail para contato: marcos.cordioli@gmail.com
